

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
TUTTO FELLINI!  
A Cinemateca com a 13ª Festa do Cinema Italiano  
19 e 30 de novembro de 2020

# GINGER & FRED / 1986

*(Ginger e Fred)*

Um filme de Federico Fellini

**Realização:** Federico Fellini / **Argumento:** Federico Fellini, Tonino Guerra e Tullio Pinelli / **Direcção de Fotografia:** Tonino Delli Colli e Ennio Guarnieri / **Direcção Artística:** Dante Ferretti / **Guarda-Roupa:** Danilo Donati / **Música:** Nicola Piovani / **Som:** Sérgio Marcotulli / **Montagem:** Nino Baragli / **Interpretação:** Giulietta Masina (Amélia Bonetti/"Ginger"), Marcello Mastroianni (Pippo Botticella/"Fred"), Franco Fabrizi (apresentador), Frederick Ledebur (o Almirante), Augusto Poderosi (travesti), Totò Mignone (Totò), Friedrich von Thun (o industrial), Martin Maria Blau (o assistente de produção), Jacques-Henri Lartigue (o padre), Ezio Marano (o intelectual), Francesco Casale (o mafioso), etc.

**Produção:** PEA – RAI – France 3 – Les Films Ariane – Revcom Films – Stella Films / **Produtores:** Heinz Bibo e Alberto Grimaldi / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, colorida, legendada em português, 126 minutos / **Estreia em Portugal:** Nimas e Star, a 29 de Agosto de 1986.

---

Numa excelente análise de **Ginger & Fred** (publicada nos *Cahiers* de março de 1986), Pascal Bonitzer defende que "o tema privilegiado, o motivo recorrente" do cinema de Fellini é o Inferno, "sempre como imagem global do mundo moderno". Aceitando isso, que parece inteiramente justo, forçoso é aceitar também que **Ginger & Fred** é a apoteose dessa insistência temática, o filme "que dá ao Inferno um nome e um rosto: o da Televisão". Não passará despercebido a ninguém, neste filme em que em inúmeros planos se vêem televisores e imagens de televisão, aquele bocadinho, logo ao princípio, em que uma marionete recita os versos da *Divina Comédia* sobre o "mezzo del camino" e a "selva oscura". É do que Bonitzer precisa para notar, da parte de Fellini, uma vontade expressa de equiparar esta "viagem à televisão" a uma viagem ao *Inferno* de Dante, numa versão paródica, terrível e anódina (terrível por ser anódina, dizemos nós). Parece inteiramente justo, não há como o negar.

Sabemos que a televisão foi o principal alvo de Fellini nos últimos anos e nos últimos filmes da sua obra. **Ginger & Fred** terá sido o primeiro momento em que esse tema apareceu no centro de um filme seu – mas depois, quer na **Entrevista** (em 1987) quer, sobretudo, no derradeiro **La Voce della Luna** (1990), Fellini voltou à carga. Mas foi em **Ginger & Fred** que a questão se levantou. Ou que *as questões* se levantaram. Porque é interessante tentar perceber de que fala Fellini quando fala da "televisão", e por que é que Fellini encontrou nela o símbolo (ou a figuração de uma entidade) que

valha, retomando a expressão de Bonitzer, pela "imagem global do mundo moderno". Nesse mesmo artigo, Bonitzer esboça uma resposta a uma pergunta de Serge Daney: "*Se a televisão representa o triunfo do espectáculo, por que é que Fellini se ressentia dela, ele que nunca se interessou minimamente por um 'para cá' nem por um 'para lá' do espectáculo?*". Bonitzer contrapõe algo que parece permitir chegar a uma conclusão extremamente lógica: "*A televisão só é o triunfo do espectáculo na medida em que o generaliza. Mas ao mesmo tempo destrói-lhe a intensidade e injecta-lhe o estereotipo, a debilidade. Num sentido ela é portanto o triunfo do espectáculo, mas também a sua derradeira degradação. (...) **E é por aí que ela se torna num objecto propriamente felliniano***".

O sublinhado é nosso, porque nos parece que a grande ambiguidade de **Ginger & Fred**, do seu retrato da televisão e do espectáculo televisivo, radica na sua gritante contiguidade com o próprio universo do cinema de Fellini. A televisão de **Ginger & Fred** é um universo "felliniano", povoado por criaturas "fellinianas" – a televisão de **Ginger & Fred** nasce de um filme de Fellini, cabe dentro (como se prova) de um filme de Fellini. A grande questão de **Ginger & Fred** é menos a televisão do que o seu "contexto"; ou é a televisão na medida em que ela representa, para Fellini, o pulso, o barómetro, o contexto, a "imagem global do mundo moderno" de que falava Bonitzer (pode ser mera sugestão, mas em mais do que um momento durante o visionamento de **Ginger & Fred** veio-nos a cabeça o **Playtime** de Tati). A televisão, como entidade, acaba por parecer, para Fellini, algo de relativamente neutro e transparente; aquilo em que ele se concentra é, digamos assim, no "sistema", naqueles que "fazem" a televisão, naqueles que a consomem, e naqueles (toda a galeria de personagens onde Masina e Mastroianni são, no fundo, tão figurantes como os outros todos, simplesmente vistos à lupa pela câmara de Fellini) que por ela são consumidos. No "humanismo" felliniano, este último ponto parece, aqui, central: se alguma dignidade há no extenso rol de personagens, se alguma humanidade persiste nelas, uma coisa e outra lhes são conferidas pelo filme de Fellini, e em caso algum pelo programa de televisão em que, dentro do filme, elas participam, e que não se destina a outra coisa que não a esvaziá-las dessa réstea de dignidade e de humanidade, exibindo-as a trouxe mouxe como um mero "freak show". Mais do que tudo, dir-se-ia que é isto que incomoda Fellini na televisão: o facto de ela expelir, simulando conceder-lhes importância, aquelas que foram e são *as suas personagens*. **Ginger & Fred**, ao fim e ao cabo, é um filme para as recuperar.

Como, no fundo, se recuperam as personagens de Ginger e Fred, ecos de múltiplas outras personagens de Fellini, sobretudo dos primeiros anos da sua obra, na década de 50 (não nos parece despropositado ver aqui alguns ecos das **Luci del Varietà** ou do **Sceicco Bianco**, por exemplo). A questão, no que a Ginger e Fred toca, não tem a ver com a "qualidade" (ou falta dela) do seu pequeno número de sapateado, de que eles estão mais conscientes do que ninguém, assim como sabem, melhor do que ninguém, que as "luzes das variedades" já não são as mesmas. Mas é por isso, por se saberem absolutamente estranhos àquele mundo, que são capazes de verem e reconhecerem o Inferno, e no fim afastarem-se dele sem se terem perdido lá dentro.

Luís Miguel Oliveira